
Os sofrimentos laborais de jovens jornalistas como faces da precarização produtiva e da racionalidade neoliberal¹

Naiana Rodrigues da Silva²
Universidade Federal do Ceará

Resumo

Neste artigo, trazemos dados resultados da tese desenvolvida pela autora para mostrar as dores e sofrimentos de jovens jornalistas cearenses por meio de seus discursos sobre o trabalho (FIGARO, 2008). O sofrimento, assim como o prazer, é uma dimensão inerente ao trabalho (DEJOURS, 1999), contudo, quando o sofrimento é intenso e recorrente, pode levar a adoecimentos físicos e emocionais. No mundo do trabalho do jornalismo, o cansaço é um dos primeiros sintomas dos adoecimentos dos profissionais e marca uma forma de sofrimento desencada pela precarização e pela racionalidade neoliberal.

Palavras-chave

Sufrimentos; jovens jornalistas; trabalho; precarização; racionalidade neoliberal.

Introdução

O trabalho não reside apenas na esfera objetiva da necessidade, da sobrevivência imediata em uma sociedade complexa. Ele habita o campo do imaginário, dos sonhos, das emoções, da construção subjetiva, sendo assim fonte de prazer e de sofrimento, de realização e de estranhamento. É nesse pêndulo que os jornalistas estão suspensos e escorregando cada vez mais rápido pelo filete da dor e da frustração desencadeadas pelas condições precárias de trabalho e pelas pressões do sistema produtivo.

Até mesmo os jovens, tão identificados pela euforia e entusiasmo com a profissão, são recepcionados por um mundo do trabalho desgastado, precário, em constante mudança e socialmente hostilizado por outros entes democráticos. Nesse cenário, a alegria advinda da formação logo é obliterada pela cobrança por produtividade, pela intensificação do trabalho e pela multitarefa (FÍGARO, 2020; 2021; NICOLETTI, 2020), que empurram o jovem para uma condição muito vulnerável em razão também de sua inexperiência, abrindo espaço para que eles experienciem dor, frustração e sofrimento ético (LELO, 2020).

¹Trabalho apresentado no GP Comunicação e Trabalho, evento do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, realizado de 4 a 8 de setembro de 2023.

² Professora do Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Ceará, pesquisadora do Centro de Pesquisa em Comunicação e Trabalho (CPCT-ECA-USP) e pesquisadora do PraxisJor -UFC.

Para Dejours (1999), o sofrimento é uma das dimensões do trabalho, mas pode ser convertido em algo estruturante, em prazer, desde que o trabalhador tenha qualidade psicológica e condições sociais e éticas no trabalho para promover essa transformação. E como o sofrimento é a dor de um corpo-si³ (SCHWARTZ, 2014) engajado no mundo e nas relações com os outros (DEJOURS, 1999, p. 19), a melhora dessa condição pode estar na mudança de ambiente, de lugar, de profissão, de trabalho e na construção de relações sociais saudáveis.

Diante disso, nos propomos, com este artigo, apresentar as dores e sofrimentos dos jovens jornalistas cearenses. Iniciamos essa investida partindo da premissa de que muitos dos sofrimentos inflingidos aos jovens jornalistas são decorrentes da precarização estrutural imposta pelo sistema produtivo e da debilidade simbólica provocada pelos valores decorrentes da racionalidade neoliberal.

Para tal, valemo-nos dos dados resultados de nossa investigação de doutorado, intitulada **“As relações de comunicação e de trabalho de jovens jornalistas cearenses: um estudo sobre as dramáticas do uso de si, o ethos e a deontologia profissionais”**, defendida em 2022, no Programa de Pós-graduação em Ciências da Comunicação da Universidade de São Paulo. A pesquisa que deu base ao doutorado foi realizada junto a egressos do curso de Jornalismo da Universidade Federal do Ceará que se graduaram entre os anos de 2014 e 2018. Os quais, independentemente da idade, foram identificados como jovens por terem menos de 10 anos de profissão.

Nossa amostra foi composta por 131 jornalistas que participaram da primeira etapa empírica da investigação, caracterizada pela aplicação de um questionário. Destes, 13 jovens jornalistas colaboraram com a segunda etapa de investigação realizada por meio de entrevistas semiestruturadas. Selecionamos trechos de entrevistas de sete profissionais que tratam sobre os sofrimentos que experimentam em razão das atividades concretas de trabalho que realizam.

Este artigo segue os fundamentos teóricos da tese, amparando-se sob o binômio comunicação e trabalho, um construto teórico e metodológico multidisciplinar que entende a comunicação como uma atividade central no mundo do trabalho (FÍGARO, 2008) e que se ampara na dialética como método, entendendo que as situações singulares de trabalho são expressivas dos movimentos macroestruturais no mundo do trabalho.

³ Corpo-si é uma expressão cunhada por Yves Schwartz (2014) para se referir dialeticamente às dimensões física e subjetiva do trabalhador.

Teoricamente estabeleceu-se ainda um diálogo com a abordagem da psicodinâmica do trabalho, derivada das reflexões de Christian Dejours (1999) e de Cristiane Reimberg (2015), autora que se dedicou a compreender o prazer e o sofrimento no trabalho de jornalista. Esse referencial possibilitou a construção de uma análise qualitativa dos excertos de textos provenientes das entrevistas com os jovens jornalistas cearenses.

O cansaço como ethos do trabalhador contemporâneo

A regulação do tempo de trabalho por meio da definição de uma jornada diária devidamente remunerada foi uma das grandes conquistas da classe trabalhadora. Mas passados mais de dois séculos da revolução industrial, o tempo de trabalho ainda é uma questão central na luta pela emancipação humana. Afinal, o tempo é uma das variáveis envolvidas na fórmula da produtividade do sistema capitalista cujas mudanças implicaram em uma elasticidade das jornadas de trabalho, uma intensidade das atividades laborais e a flexibilidade dos vínculos trabalhistas, favorecendo o acúmulo de projetos de trabalho, conhecidos pelo jargão *jobs* (ANTUNES, 2008).

Uma combinação responsável pela expansão do capital e que está no cerne do espírito do capitalismo instaurado, na segunda metade do século XX, a reboque da reestruturação produtiva. O espírito do capitalismo contemporâneo se assenta na ideia de um mundo reticular, fluido e flexível. A noção clássica de propriedade é alterada neste terceiro espírito do capitalismo. Enquanto nos dois primeiros, ela se relacionava com a posse de bens, agora está mais vinculada à capacidade de alugar aquilo do que se necessita, afinal, no mundo flexível e de trabalho por projetos, a mobilidade é importante e adquirir bens como imóveis e automóveis podem atrapalhar a disponibilidade do trabalhador (BOLSTANSKI; CHIAPELLO, 2009, p. 191 - 193).

Nesse momento ideológico do capitalismo, a divisão entre tempo de trabalho e tempo social, entre vida privada e vida profissional, se esfacela de uma vez e o exemplo disso é a ideia de competência, composta por um misto de qualidade pessoal e características objetivas da força de trabalho. A competência torna-se uma norma de conduta mandatória para os trabalhadores imbuídos do espírito do capitalismo ou devotos da razão neoliberal, a qual tem na empresa o modelo ideal de subjetivação (DARDOT, LAVAL, 2013). Dessa forma, salta aos olhos na contemporaneidade como o capitalismo e suas diferentes performances de acumulação moldam as subjetividades dos indivíduos

em busca de uma conformação, de uma adesão ideológica, entranhando-se assim no corpo e na personalidade dos sujeitos.

O sujeito neoliberal ou o homem-empresa é caracterizado pelo comprometimento pleno com a atividade de trabalho, governando a si mesmo, gerindo a si próprio aos moldes da gestão empresarial (DARDOT, LAVAL, 2013). Destituído do lugar de trabalhador e assumindo a feição de empresa, o sujeito neoliberal considera o trabalho um serviço negociável. Esse sentido do trabalho ilustra bem a colocação de Ricardo Antunes (1999), de que “o sentido do trabalho que estrutura o capital acaba sendo desestruturante para a humanidade, na contrapartida, o trabalho que tem sentido estruturante para a humanidade é potencialmente desestruturante para o capital”.

A posição identitária de empresa se impõe em relação às outras identidades sociais que esse indivíduo pós-moderno poderia ostentar (HALL, 2006) e isso favorece a imbricação entre vida profissional e vida pessoal a tal ponto que a segunda depende da primeira para existir. Há assim uma conversão de todo o tempo livre em tempo laboral, necessário para que o sujeito neoliberal alcance índices de rendimento que o coloquem no lugar de um trabalhador competente.

No entanto, torna-se cansativo ter que entregar o máximo de rendimento sempre. Se antes a imagem de cansaço e desgaste era atrelada aos operários ou demais trabalhadores cujas atividades requerem esforços físicos, hoje, mesmo os profissionais considerados intelectuais também expressam sinais de esgotamento físico e mental. Conforme estudo realizado pela Organização das Nações Unidas (ONU) em parceria com a Organização Internacional do Trabalho (OIT), divulgado em 2021, o Brasil está na faixa de países que têm até 4% da população exposta a longas jornadas de trabalho (55 horas ou mais por semana), o que torna esses trabalhadores mais propensos a sofrerem um acidente vascular cerebral (AVC) ou a desenvolverem problemas cardíacos⁴.

A pandemia da Covid-19 acentuou essa realidade, sobretudo para aqueles que dependeram e ainda dependem das plataformas digitais para a mediação do trabalho, como entregadores, motoristas de aplicativos e até comunicadores e jornalistas. Fígaro et al (2020, 2021) ao investigar como os comunicadores estavam trabalhando durante a pandemia, constataram que o trabalho em regime *home office* ou remoto provocou muito

⁴ Mais informações em: <https://www.paho.org/pt/noticias/16-9-2021-omsoit-quase-2-milhoes-pessoas-morrem-por-causas-relacionadas-ao-trabalho-cada#:~:text=Em%20maio%20de%202021%2C%20a.de%20doen%C3%A7as%20relacionadas%20ao%20trabalho>. Acesso em 06/08/2023.

cansaço entre os comunicadores, sobretudo nas mulheres, pois elas tiveram que se desdobrar entre as atividades produtivas e o trabalho de cuidado do lar e da família (BARROS et al, 2020). Além disso, o uso excessivo das telas e a realização de muitas reuniões remotas são responsáveis pelo que vem sendo chamado de “fadiga do zoom”, ou seja, um desconforto que pode ocasionar irritabilidade, mau humor, perda da autoestima e baixa produtividade⁵.

O cansaço molda a feição do trabalhador na sociedade contemporânea, a qual é denominada por Byung-Chul Han (2019) como sociedade do desempenho, uma organização social movida por uma tendência patológica identificada a partir das manifestações de doenças neuronais, como a depressão, o déficit de atenção, a síndrome de Burnout e a própria ansiedade.

O excesso de trabalho e desempenho agudiza-se numa autoexploração. Essa é mais eficiente que uma exploração do outro, pois caminha de mãos dadas com o sentimento de liberdade. O explorador é ao mesmo tempo o explorado. Agressor e vítima não podem mais ser distinguidos. Essa autorreferencialidade gera uma liberdade paradoxal que, em virtude das estruturas coercitivas que lhe são inerentes, se transforma em violência (HAN, 2019, s/n).

É importante salientar que a “autoexploração” é uma dimensão sofisticada da dominação neoliberal, consistindo na internalização pelos indivíduos dos valores e lógicas do capital a ponto de não reconhecerem a exploração. Assim, quando esse *management* moderno apela ao desejo do trabalhador de ser melhor, como se este obedecesse ou atendesse a um chamado interno, está também alienando-o (DARDOT; LAVAL, 2013). A alienação se apresenta quando o sujeito se torna objeto e o objeto por ele produzido é o verdadeiro sujeito do capital (ANTUNES, 1999), sendo difícil para o trabalhador apropriar-se do próprio objeto por ele produzido. Esse processo é denominado de estranhamento, uma separação entre o criador e seu objeto. “Seu estranhamento, portanto, se efetiva sempre pela dimensão da negatividade, sentimento de perda e desefetivação, presente no processo de produção capitalista, uma vez que o produto gerado pelo trabalho não pertence ao seu criador” (ANTUNES, 2018, p. 111).

O estranhamento é a destituição do sentido vital do trabalho, que passa a ser meio de subsistência em um mundo de mercadorias e não uma atividade autêntica, livre e de autorrealização. A razão neoliberal impõe essas condições deletérias à subjetividade dos trabalhadores na medida em que assujeita esse trabalhador, pois a ele não cabe a derrota,

⁵ Mais informações em: <https://coronavirus.ufrj.br/zoom-fatigue-os-efeitos-do-excesso-de-videoconferencias-na-saude-mental/>. Acessado em 06/08/2023.

o fracasso, a dor, a doença ou toda e qualquer sorte de condições e sentimento humanos que podem vir a atrapalhar a produtividade.

O homem empresa controla sua própria vida rumo à positividade, à saúde, ao corpo perfeito, à uma felicidade constante. Essas imposições da razão do empreendimento de si mesmo são responsáveis, portanto, por sofrimentos psíquicos e físicos de diferentes ordens desencadeados por discursos e ideologias em circulação na sociedade. Aliás, a busca por adequação a essa racionalidade faz emergir uma variedade de técnicas de rendimento como *coaching* e programação neurolinguística, forjadas basicamente sobre a figura de “gurus” que orientam os sujeitos a equilibrarem as emoções nas situações de trabalho para obter melhores resultados.

O controle do rendimento e da eficácia do trabalhador, portanto, se dá internamente, pela via da autocobrança e na interação com a empresa pelo uso de planilhas e de outras ferramentas de mensuração de resultados decorrentes da avaliação da subjetividade do trabalhadores pelos gestores do trabalho (DARDOT; LAVAL, 2013).

Todos los dominios de la vida individual se convierten potencialmente en “recursos” indirectos para la empresa, ya que suponen para el individuo la ocasión de incrementar su rendimiento personal; todos los dominios de la existencia son de la incumbencia del *management* de sí mismo (DARDOT; LAVAL, 2013, l. 7777).

Mesmo internalizando esse modo de ser no mundo do trabalho e encarnando o espírito do capitalismo, o trabalhador não fica imune aos sofrimentos advindos da vida sob o signo da racionalidade neoliberal. Afinal, como lembra Christopher Dejours (1999), o sofrimento psíquico é uma dimensão inerente ao trabalho, assim como o prazer, afinal, trabalhar pressupõe manter relações com os outros, e quando estas relações não são geridas de modo saudável causam sofrimentos emocionais.

Considerando que a razão neoliberal estabelece a concorrência e o individualismo como horizonte normativo do homem-empresa, ela pode ser tida como uma das ameaças à “estabilização psíquica e somática” dos trabalhadores (DEJOURS, 1999, p. 19). É preciso, portanto, criar estratégias defensivas para evitar que o sofrimento mobilizado pela pressão da razão neoliberal se torne uma patologia.

As dores físicas, emocionais e éticas dos jovens jornalistas

Uma das consequências da determinação ao cansaço é o adoecimento laboral, identificado por Ricardo Antunes (2018) como resultado de condições de trabalho impostas à(ao) trabalhadora(o) que podem resultar em adoecimento físico e mental

Adoecimentos estes que estão se tornando recorrentes no trabalho de jornalista, tanto que, conforme o Perfil do Jornalista Brasileiro 2021 (LIMA et al, 2022, p. 95), entre a maior parte dos jornalistas respondentes da pesquisa, (66,2%) já sentiram estresse no trabalho; 34,1% foram diagnosticados com estresse e 20,1% já receberam o diagnóstico de algum transtorno mental relacionado ao trabalho. Além disso, a pesquisa revelou ainda que os jornalistas brasileiros sofrem por não terem tempo “para planejar o futuro e gerir a própria vida”, o que desencadeia uma sensação de esgotamento, afetando as relações sociais e a própria saúde do trabalhador jornalista (LIMA et al, 2022, p. 164).

Entre os resultados identificados, destacamos que um dos primeiros sintomas de sofrimento dos jovens jornalistas cearenses que trabalham em organizações de mídia tradicionais é o cansaço. Fisicamente, esse cansaço é desencadeado pelo acúmulo de tarefas, pela cobrança por produtividade e pela aumento das responsabilidades advindo com a passagem da condição de estagiário para a de profissional. O dilema com a jornada de trabalho tornou a conciliação entre o estágio e os estudos difícil e cansativa para 51% dos 131 participantes da pesquisa. Essa intensificação piora, sobretudo, a partir do quinto semestre da graduação, quando se acumulam demandas relativas ao jornalismo, à pesquisa acadêmica e à preparação para o trabalho de conclusão de curso.

No estágio, como eu trabalhava muito, tipo, muito mesmo. Às vezes, eu me sentia bem esgotado, sabe? Muitas vezes, tem pessoas muito inflexíveis. E aí elas não conseguem ver o seu cansaço, não ligam pra isso. Ah, tá cansado? Tem outras que tão a fim de trabalhar. Então, a gente não tem problema nenhum em querer que você descanse, porque tem gente ali que enquanto você tiver descansando, quer trabalhar. Então... Se é pra ouvir isso, a gente prefere até continuar cansado e continuar trabalhando, às vezes. E isso, eu não sei se configuraria um...abuso, nem que fosse de... grau leve, mas... mas isso assim. (JORNALISTA 1, 2021).

Este jovem jornalista que estagiava em uma redação de TV desloca o sentido de “abuso” do campo jurídico e político para significar sua vivência no trabalho, caracterizada pelo desrespeito ao seu cansaço, pelo menosprezo de seus sofrimentos. Para expressar isso, ele demarca, com frases na terceira pessoa do singular, a voz impessoal e abstrata dos abusadores. Uma voz da qual o jornalista como enunciador discorda, mas com quem ele não polemiza, pois se resigna e volta a trabalhar, assumindo assim uma posição de oprimido, de vítima.

Consideramos que essa voz alheia é a dos gestores do trabalho que não são identificados por nomes ou cargos no discurso do jovem, mas sim por uma corporeidade (MAINGUENAU, 2020) que os qualifica como abusadores inflexíveis. Eles podem ser

vistos assim como porta-vozes da racionalidade neoliberal e, por meio de falas perversas, objetificam os trabalhadores e desprezam suas singularidades e subjetividades, considerando-os passíveis de fácil substituição, um tipo de discurso que se remete ao exército de reserva que o capitalismo cria (MARX, 2014) e que faz parte das técnicas de governamentalidade engendradas pelo neoliberalismo (DARDOT, LAVAL, 2013).

O cansaço é efeito do trabalho intensificado sobre o corpo-si. Há o trabalho intenso, que apresenta variedade e multiplicidade de ações e de encontros, e há a intensificação do trabalho, quando a carga de obrigações e tarefas se torna difícil de suportar (SCHWARTZ; DURRIVE, 2007, p. 30).

No mundo do trabalho do jornalismo, a precarização das redações, com o enxugamento dos quadros de profissionais, por exemplo, acarreta diretamente na intensificação das atividades de trabalho dos jovens jornalistas. É o caso da jornalista 2, que é repórter em uma redação de mídia online e tem uma jornada de 8 horas diárias. (...) “são oito horas, né, oito horas com uma hora de descanso. História de descanso, quando eu tô na redação, muito difícil eu conseguir tirar” (JORNALISTA 2, 2021).

O que acontece com esta jovem é que ela passa a acumular tarefas que precisam ser executadas mantendo um padrão de qualidade que atenda às suas expectativas para o trabalho e às expectativas dos gestores, dos outros. Ou seja, ela precisa atender à meta de rendimento dentro do seu tempo de trabalho e, para tal, usa seu tempo de descanso. Neste caso, o *deadline* e a qualidade são normas antecedentes (SCHWARTZ, DURRIVE, 2007) para o trabalho que ela atende por meio da renormalização de sua atividade, que consiste em dinamizar suas ações e não gozar de sua hora de intervalo, para encerrar o expediente no horário devido. “Essa hora que eu passaria é a hora que eu desconto do meu descanso, às vezes, né? Então, eu talvez eu não sinto que eu tô passando tanto do horário por causa disso, porque quando eu sei que eu passaria do horário, eu desconto da minha hora, né” (JORNALISTA 2, 2021).

O que essa jovem profissional vivencia, completamente implicada no trabalho e consciente de suas ações, é o aumento da velocidade de realização do trabalho, uma marca clássica da intensificação do trabalho observada por Marx (2014, p. 468) desde os primórdios da Revolução Industrial, mobilizada, principalmente pela entrada em cena da maquinaria nas fábricas, e desdobrada no mundo do trabalho contemporâneo com o alargamento do trabalho real para além da jornada oficial por conta da complexidade das atividades de trabalho (ANTUNES, 1999).

Dessa forma, o capitalista se apropria do tempo livre do trabalhador. A organização jornalística se apropria do tempo de descanso da jornalista 2, gasto em produção. Uma decisão aparentemente individual, autodeterminada pela ênfase enunciativa do pronome eu, mas que, na verdade, consiste em uma decisão heterodeterminada pelos outros, pelas condições de trabalho, afinal, como nos lembra Orlandi (2001, p. 104):

O sujeito moderno – capitalista – é ao mesmo tempo livre e submisso, determinado (pela exterioridade) e determinador (do que diz). Essa é a condição de sua responsabilidade (sujeito jurídico, sujeito a direitos e deveres) e de sua coerência (não-contradição) que lhe garantem, em conjunto, sua impressão de unidade e controle de (por) sua vontade.

Ou seja, o que a jovem jornalista 2 considera uma escolha singular é, de fato, uma estratégia do capital, a qual pode ser revertida, por exemplo, com a contratação de mais profissionais.

Se tivesse ao meu alcance, e é uma utopia muito grande, eu aumentaria a quantidade de repórteres. Porque isso automaticamente reduziria a pressão sobre mim e sobre os meus colegas. As minhas oito horas seriam muito suficientes de uma forma saudável. Se eu pudesse, eu acho que é muito sobre tempo, sobre tempo pra fazer as coisas com qualidade, assim... as minhas oito horas seriam suficientes pra eu fazer um material satisfatório pra mim e... e, enfim, pros meus gestores, se eu tivesse só aquele material ali pra me preocupar, sabe? Mas às vezes, em geral, na verdade não é... (JORNALISTA 2, 2021).

O *downsizing* como um modo de gestão no jornalismo (PITHAN; KALSING; GRUSZYNSKI, 2019) impacta qualitativamente o trabalho, tanto do ponto de vista do produto quanto do trabalhador. E se favorece do engajamento dos jornalistas com a profissão, que a despeito do cansaço e da intensificação do labor, seguem tentando entregar a melhor produção que as condições laborais lhe permitem.

Há uma necessidade de ser jornalista 24 horas, que aparece em outros estudos e permanece nas falas de nossos entrevistados, tanto os mais velhos quanto os mais jovens. (...) é possível supor que o sentido e a importância que os jornalistas dão ao seu trabalho podem funcionar como uma ideologia defensiva para enfrentar as longas jornadas e estar sempre pronto a trabalhar, o que deixa de ser visto como um trabalho, já que o espectro da missão e da paixão permanece presente. Isso é utilizado pelas empresas para explorar o profissional e obter mais produção e dedicação ao trabalho. Você só é reconhecido como jornalista se você trabalhar muito e se estiver sempre disponível. (REIMBERG, 2015, p. 259).

A dedicação dos profissionais faz parte do processo produtivo do jornalismo e contribui para uma naturalização da precarização do trabalho que impõe, por exemplo, como fator de reconhecimento da competência profissional o trabalhar muito. Neste caso,

aqueles que não se sujeitam a esse modelo, acabam recebendo a alcunha de fracassados. Foi exatamente esse medo de fracassar que fez a jovem jornalista 3, uma profissional que atuava em mídia social em uma agência de comunicação a resistir a aceitar um atestado médico e se afastar do trabalho.

Porque eu comecei a ter episódios de crise de ansiedade muito forte. Assim de um cliente me ligar... E era uma cliente que mexia tanto comigo que eu não conseguia atender, eu só conseguia chorar. Era um cliente extremamente problemático, mas que agência não abria mão mesmo sabendo que era impossível de resolver. Porque era um cliente que tinha nome pra eles. Então, era um cliente que já tinha mexido com o emocional de outras pessoas dentro da agência, já tinha gerado demissões dentro da empresa. E eles confiaram a mim naquela conversa de você é boa (faz gesto de aspas) e vai dar conta. Que eu comecei a perceber, tipo, assim: bom, eles viram que eu dou... que eu faço o meu melhor pra resolver. E eles estão se aproveitando disso pra jogar um cliente que não tem solução. Mas que eu vou dar o meu SANGUE, entendeu? E eu literalmente dei. E aí é tanto... eu cheguei pros diretores e falei assim: olha o seguinte, esse cliente tá acabando comigo. Eu tô fazendo terapia... Ta todo mundo sabendo que não tá bem, isso aqui. Eu tô dando o meu sangue, já faz um ano que eu atendo esse cliente. E eu não aguento mais. (...) Eu lembro. Eu falei pra ela (psicóloga), né, da situação e tal. E ela falou pra mim: olha, se você precisar, me fala que eu lhe dou um atestado. Tá tudo certo. Mas eu...eu sempre fui muito resistente a isso. Porque eu sempre fui muito ligada ao trabalho, né? Então pra mim, é meio que assim: admitir uma derrota, sabe? O orgulho não deixava. (JORNALISTA 3, 2021).

A ansiedade vivida pela jovem jornalista caracterizou-se por um tipo de sintoma gerado por relações violentas e agressivas com sujeitos em posições hierárquicas (DEJOURS, 1992 apud REIMBERG, 2015). Neste caso, o cliente era o sujeito superior que lhe afligia, provocando uma desestruturação psicoafetiva capaz de fazê-la ponderar pedir demissão. Em seu relato, a jovem denota que sair do emprego não soava como assumir o fracasso, pois era como ela estivesse escolhendo não se submeter mais a isso. Era uma atitude de brio. Diferente de afastar-se do trabalho por razões médicas, isso sim era uma demonstração de perda. Uma postura que ressoa a racionalidade neoliberal e seu rendimento máximo, pois a jovem, naquela situação, estava assumindo que não podia “dar mais seu sangue”, ou seja, engajar completamente seu corpo-si no trabalho. Sendo assim, a jovem temia que ficasse marcada junto à gestão com a imagem de incompetência.

O desgaste emocional vivido pela jovem jornalista não é um caso isolado. Ele acomete muitos outros jovens profissionais por diferentes motivos. Para o jornalista 4, que trabalha em uma redação web na área cultural, uma das causas de seu sofrimento é o medo de ficar desempregado, de ficar desatualizado frente às mudanças no mundo do trabalho e por isso ter que mudar de profissão.

Ou seja, o medo constante de ser desempregado, de ser cortado, né, e ter que ir para uma profissão que às vezes não é a que você escolheu, ele é constante, né? Ela é, vamos dizer, ele faz parte do trabalho. Agora ficar desatualizado frente às transformações é algo que eu estou sentindo com mais violência, ou seja, ele é um novo adicional dentro desse mundo precário que é o trabalho de jornalistas, né? E a dinâmica precária da redação, o tempo de trabalho ao qual somos submetidos, amplia ainda mais esse temor de estar desatualizado. Causa vergonha a simples ideia de que eu estou pra trás dentro do que seja comunicar, do que seja atuar como jornalista. (JORNALISTA 4, 2021).

O medo relatado pelo jovem jornalista 4 também é estimulado pela racionalidade neoliberal. Como explica Reimberg (2015), a ameaça da demissão se constrói sobre um pensamento latente de que se não é bom, competente o suficiente para o trabalho. Essa insegurança fica visível no relato do jornalista 4 quando ele externaliza também o receio de ficar desatualizado. É válido ressaltar que não se trata de um profissional sênior, com décadas de carreira, mas de um jornalista que à época da entrevista tinha quatro anos de conclusão do curso. Essa ameaça de ficar desatualizado e ser demitido finaliza por alavancar a produtividade do sistema (REIMBERG, 2015) baseada no rendimento máximo.

Apesar de o medo ser um elemento inerente ao trabalho (DEJOURS, 1999), para que ele não se torne fonte de sofrimentos precisa ser gerido por meio de uma ideologia defensiva criada pelos próprios profissionais. Do contrário, pode acontecer o que se deu com o jornalista 4, para quem o medo aliado aos demais sofrimentos decorrentes da gestão do trabalho conduziram a diferentes modos de adoecimento:

Tive três crises de ansiedade ano passado, por conta do trabalho, tipo uma hora antes de entrar no trabalho me faltou ar, eu tive crise, por não achar que o trabalho estava sendo correto, por me sentir prejudicado dentro daquela logística que até então estava sendo utilizada pela minha equipe. O meu trabalho ele me adoce de inúmeras formas. Ele contribuiu demais para o meu alcoolismo, pro meu tabagismo, pro consumo de substâncias tóxicas, tá entendendo? (JORNALISTA 4, 2021).

Ao lado das DORT/LEERS e do estresse, o alcoolismo é uma das doenças mais identificadas em pesquisas e inquéritos sobre a saúde dos jornalistas. Enfermidades que pioram quando há mais pressão, mais demandas de trabalho e mais tensão (REIMBERG, 2015). Mas estes não são os únicos desconfortos vividos pelos jovens jornalistas, identificamos ainda uma dimensão ética do cansaço motivada pelo desgaste resultado da peleja em não permitir que os valores jornalísticos sejam menosprezados em detrimento dos valores das empresas e/ou dos valores neoliberais. É o dilema que vive a jornalista 5, uma profissional que trabalha em assessoria de comunicação em uma empresa pública.

(...) um dos principais conflitos éticos é esse choque que a gente tem com o que é de interesse do público e interesse da empresa, sabe? Eu acho que tem um momento que isso se choca. É, assim, quando eu me sinto mais chateada na profissão. Eu não posso dar aquilo que as pessoas precisam ler, precisam saber. (JORNALISTA 5, 2021).

A chateação significa na verdade a impossibilidade de pautar sua atividade pelos valores jornalísticos em que acredita. Thales Lelo (2019), em sua pesquisa sobre a reestruturação produtiva do jornalismo, observou que alguns profissionais viviam situações que ele denominou de sofrimentos éticos, caracterizadas pela infração do Código de Ética do Jornalista Brasileiro por imposição das organizações. Uma categoria que ampliamos aqui para abarcar profissionais que sofrem por não poder seguir os preceitos deontológicos do jornalismo, principalmente, os valores da profissão. É o que vivencia a jornalista 5, ao ter que ser fiel à empresa e não ao interesse público, um valor inerente à profissão.

Quem também vive uma condição semelhante é o jornalista 6, repórter em uma redação online que, em razão do jornalismo baseado em métricas, precisa abrir mão do interesse público em prol do interesse do público.

Os critérios hoje em dia eles acabam sendo outros, para além da noticiabilidade que a gente vê, né, como tradicional no caminho jornalístico mesmo. Não é a questão às vezes de importância, não é a questão de impacto, né, de interesse público, desses critérios assim maiores que organizaram nossas práticas. Às vezes, é mais uma questão de potencial de audiência. Então, às vezes, temos de criar um material informativo, não sei nem se eu poderia dizer noticioso mesmo, mas um material informativo acerca de alguma coisa que está tendo muita busca. E aí, tipo, a gente às vezes acaba ficando assim.. “nossa, tipo será que o que eu tô fazendo é jornalismo mesmo?” (JORNALISTA 6, 2021).

O jornalista 6 sofre porque a atividade jornalística mudou de tal forma que ele hesita em caracterizar o que realiza de produção jornalística. Considerando que em nossa pesquisa doutoral concluímos que os jovens profissionais cearenses ancoram suas identidades de trabalho nas atividades que realizam (SILVA, 2022), a dúvida sobre a natureza do trabalho realizado pelo jornalista 6 pode desencadear uma crise de identidade e conduzi-lo a um estranhamento com o trabalho.

Quem também percebe a imbricação da lógica neoliberal na gestão do trabalho jornalístico é a jornalista 7, que trabalhava como editora de capa em um jornal impresso local.

A gente tá entrando numa *vibe* muito de resultado, inclusive de métrica, sabe? Alguns jornais já tão fazendo essa contabilização de métricas, de produção, sabe? Há muito tempo o jornal, ele fazia o número de manchete. Qual jornalista tinha mancheteado mais, entende? (...) A gente tá numa crise profissional muito grande. É assim: eu quero mostrar resultado, mas meu dilema ético é de

mostrar resultado em cima de coisas que têm, de fato, resultado, entendeu? E que nem tudo é sobre resultado. (JORNALISTA 7, 2021).

Medir a produtividade dos jornalistas por meio da quantificação de pautas, manchetes e curtidas em redes sociais é um alinhamento da gestão do trabalho jornalístico à lógica neoliberal, a qual é contestada pela jornalista 7 e que pode se tornar fonte de sofrimento ético para muitos profissionais, pois como pontua a jovem, a busca por resultados pode desvirtuar os objetivos deontológicos do trabalho jornalístico.

Considerações finais

As análises apresentadas possibilitaram observar que os sofrimentos experienciados pelos jovens jornalistas cearenses são expressões estruturais e ideológicas da precarização instituída pelo sistema de acumulação flexível (ANTUNES, 2018) e pela racionalidade neoliberal (DARDOT, LAVAL, 2013). Além disso, foi possível identificar ainda que os jovens jornalistas sofrem não só pela intensificação do trabalho e pela cobrança por produtividade, mas também pelo distanciamento dos valores deontológicos da profissão nas situações concretas de trabalho.

Os sofrimentos e dores dos jovens jornalistas podem tanto levar a adoecimentos laborais quanto a situações de estranhamento com o trabalho, desarticulando as identidades destes profissionais, que podem não se identificar mais com a profissão e nem com o produto de seu trabalho. Em razão disso é que os jovens jornalistas precisam encontrar um élan de vida com o trabalho ou desenvolver esquemas defensivos coletivos para que os sofrimentos não se tornem patologias e não os forcem a procurar uma nova profissão.

Não é demais, portanto, lembrar a observação de Dejours (1999) de que a resistência às dores advindas com o sofrimento no trabalho não depende apenas do empenho do indivíduo, mas do entrelaçamento entre suas operações psíquicas e a própria situação de trabalho, requerendo assim a organização coletiva e a abertura de espaços seguros de comunicação entre os trabalhadores. Iniciativas que por si só já significam rupturas com a racionalidade neoliberal, afinal ela se embasa no individualismo, na concorrência e na própria iminência de adoecimento dos trabalhadores.

Sendo assim, a busca pela saúde e pelo prazer no trabalho não deve ser vista como uma empreitada solitária do jornalista, mas como uma política organizacional das empresas e das entidades representativas da categoria, pois jornalistas adoecidos e em

sofrimentos não têm forças para defender a democracia, a sociedade, as minorias ou a própria profissão.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, R. **Os sentidos do trabalho**. Ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. 6.ed. São Paulo: Boitempo, 1999.

_____. **O privilégio da servidão**. O novo proletariado de serviços na era digital. São Paulo: Boitempo, 2018.

BARROS, J. et al. Trabalhar, cuidar e não adoecer: as jornalistas na pandemia de Covid-19. **Anais do 18º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo**. Virtual, novembro de 2020. Disponível em: <http://sbpjour.org.br/congresso/index.php/sbpjour/sbpjour2020/paper/viewFile/2547/1473>. Acesso em 21 de maio de 2022.

BOLTANSKI, LUC; CHIAPELLO, ÈVE. **O novo espírito do capitalismo**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009.

DARDOT, P; LAVAL, C. **La nueva razón del mundo**. Ensayo sobre la sociedad neoliberal. Barcelona: Editora Gedisa, 2013.

DEJOURS, C. **Conferências brasileiras: identidade, reconhecimento e transgressão no trabalho**. São Paulo: Fundap: EAESP/FGV, 1999.

DEJOURS, C. **A loucura do trabalho: estudo de psicopatologia do trabalho**. São Paulo: Cortez-Oboré, 1992.

FÍGARO, R. Atividade de comunicação e trabalho. **Trab. educ. saúde**. Vol. 6. N. 1. p. 107 – 145, Jun, 2008a. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tes/a/VtzqRPRb5LJWGwScR8ZfGvC/?lang=pt>. Acesso em 15 de junho de 2018.

FÍGARO, R et al. **Como trabalham os comunicadores em tempos de pandemia da Covid-19?** São Paulo: ECA/USP, Centro de Pesquisa em Comunicação e Trabalho, 2020.

_____. **Como trabalham os comunicadores no contexto de um ano da pandemia de Covid-19: 1 ano e 500 mil mortes depois**. São Paulo: ECA/USP, Centro de Pesquisa em Comunicação e Trabalho, 2021.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva, Guaraciara Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HAN, B-C. **Sociedade do cansaço**. Vozes, Petrópolis: 2019.

LELO, T. V. **Reestruturas produtivas no mundo do trabalho dos jornalistas: precariedade, tecnologia e manifestações da identidade profissional**. 2019. Tese (Doutorado em Ciências Sociais), Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, São Paulo. Disponível em: <https://fenaj.org.br/wp-content/uploads/2019/03/Tese-LELO-T-Reestruturas-produtivas-no-mundo-do-trabalho-dos-jornalistas.pdf>. Acesso em 21 de maio de 2022.

LIMA, S. P. et al. **Perfil do jornalista brasileiro 2021: características sociodemográficas, políticas, de saúde e do trabalho**. 1. ed. Florianópolis: Quorum Comunicações, 2022. Disponível em:

<https://perfildojornalista.paginas.ufsc.br/files/2022/08/RelatorioPesquisaPerfilJornalistas2022x2.pdf>. Acesso 10 de julho de 2022.

MAINGUENEAU, D. **Variações sobre o ethos**. Trad. Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2020.

MARX, K. **O Capital**. Crítica da economia política. Vol I, livro Primeiro, O processo de produção do Capital. Tomo I. 33ª ed. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2014.

NICOLETTI, J. **Precarização e qualidade no jornalismo: condições de trabalho e seus impactos na notícia**. Florianópolis: Editora Insular, 2020.

ORLANDI, E. P. **Discurso e Texto. Formulação e Circulação dos sentidos**. Campinas: Pontes, 2001.

PITHAN, L H; KALSING, J; GRUSZYNSKI, A. C. Demissões em massa e métricas de audiência: sintomas da gestão gerencialista nas empresas jornalísticas. **Anais 17º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo da SBPJor**. 2019, Goiânia. Anais do 17º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo da SBPJor, Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2019. Disponível em: <http://sbpjour.org.br/congresso/index.php/sbpjour/sbpjour2019/paper/viewFile/1947/1252>. Acesso em 06 de fevereiro de 2020.

REIMBERG, C. O. **O exercício da atividade jornalística na visão dos profissionais: sofrimento e prazer na perspectiva teórica da psicodinâmica do trabalho**. Tese (Programa de Ciências da Comunicação). Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, 2015. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27153/tde-26062015-161358/pt-br.php>. Acesso em 02 de março de 2022.

SCHWARTZ, Y. Motivações do conceito de corpo-si: corpo-si, atividade, experiência. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 49, n. 3, p. 259-274, jul.-set. 2014. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/273298779_Motivacoes_do_conceito_de_corpo-si_corpo-si_atividade_experiencia. Acesso em 15 de novembro de 2017.

SCHWARTZ, Y.; DURRIVE, L. (Org.). **Trabalho & Ergologia: conversas sobre a atividade humana**. 2. ed. Niterói: EdUFF, 2007.

SILVA, N. R. **As relações de comunicação e de trabalho de jovens jornalistas cearenses: um estudo sobre as dramáticas do uso de si, o ethos e a deontologia profissionais**. 2022. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27164/tde-22112022-165514/pt-br.php>. Acesso em: 13 de agosto de 2023.